

**Papo de Índio**

TXAI TERRI VALLE DE AQUINO &amp; MARCELO PIEDRAFITA IGLESIAS

**Prêmio Chico Mendes de Florestania 2007**

O Prêmio Chico Mendes de Florestania deste ano que se encerra foi para quatro importantes personalidades: Jorge Viana, por tudo que ele fez pelo Acre e pelos acreanos nos oito anos do “governo da floresta”; dona Cecília Teixeira Mendes, “símbolo vivo de toda a luta desenvolvida no Seringal Cachoeira, que culminou em 1988 com o Empate contra a entrada de Darli Alves da Silva naquela comunidade”, como bem ressaltou o representante do Comitê Chico Mendes, Gumerindo Rodrigues; Mauro Almeida e Manuela Carneiro da Cunha, organizadores da Enciclopédia da Floresta, dois importantes antropólogos que, como bem assinalou o Toim Alves, “encontraram nos caminhos da floresta o lugar onde o conhecimento se transforma em sabedoria”.

A singela cerimônia de entrega dos prêmios, dirigida pelo governador Binho Marques, foi realizada no Palácio Rio Branco no dia 21 de dezembro passado. Tanto quanto os homenageados, a pessoa que mais se destacou na cerimônia foi, sem dúvida, o compadre e amigo Toim Alves, não só por sua comovente carta de apresentação do ex-governador Jorge Viana, que arrancou lágrimas do apresentador Jorge Henrique e de muitos ali presentes, como também por sua formulação do conceito de florestania, tal como ilustrado no texto do Mauro. Toim foi o au-



**GOVERNADOR** Binho Marques com os premiados de 2007: dona Cecília Mendes, Jorge Viana e Mauro Almeida

sente mais presente naquele ritual de premiação, o verdadeiro “espírito da coisa”. De tanto falarem em florestania, foi até indicado pelo Binho como um provável candidato ao próximo prêmio. No entanto, enquanto a cerimônia se desenrolava no Palácio, Toim bailava de farda azul no salão dourado de nosso Mestre Juramidã.

O papo de hoje é justamente o texto escrito pelo Mauro por ocasião do recebimento desse significativo prêmio na categoria “Origem Nacional/Internacional” concedido a ele e a Manuela Carneiro da Cunha “em função de serem os organizadores da obra Enciclopédia da Floresta – O Alto Juruá: Práticas e Conhecimentos das Popu-

lações”. Concedido anualmente pelo governo do estado, através da Fundação Elias Mansour, o Prêmio Chico Mendes de Florestania, criado em 2004, por meio do decreto nº. 10.680, “tem por finalidade reconhecer e estimular as atividades, programas, ações e iniciativas que têm como objetivo consolidar o conceito de florestania”.

Como Mauro não leu o texto, preferindo improvisar sua fala, acho que vale a pena conhecer o que ele escreveu para agradecer o troféu que recebeu naquela ocasião: um lindo “ouriço de bronze”, que, no caso dele, bem poderia ter sido uma “pela de borracha”, já que no Alto Juruá não existe castanha, mas “rios de borracha”. Mauro merece esse prêmio, porque ajudou a criar, junto com o sertanista Antônio Luiz Batista de Macedo, Chico Ginú, seu Milton Gomes da Conceição e tantos companheiros seringueiros e agricultores do Alto Juruá, a primeira reserva extrativista do país. Nela, também se inspirou para organizar, em parceria com sua companheira Manuela, a Enciclopédia da Floresta. Vamos, então, ao texto do Mauro, passando antes, claro, pela breve apresentação da antropóloga Mary Allegretti.

Para finalizar, desejo aos leitores da coluna votos de um feliz 2008. Espero que próximo ano, após o parceiro e compadre Marcelo Piedrafita defender a sua tese de doutorado em antropologia social no Museu Nacional/UFRJ, no dia 21 de fevereiro próximo – certamente uma importante contribuição a historiografia acreana e indígena dos altos rios de nossa floresta –, possamos escrever juntos novos e belos Papos. Boa sorte, compadre, feliz ano novo para você e sua linda família, especialmente ao menino João Manuel (Txai Terri).

**Apresentação do Prêmio Chico Mendes de Florestania de 2007 para Mauro Almeida e Manuela Carneiro da Cunha pelo conjunto da obra Enciclopédia da Floresta**

MARY ALLEGRETTI

Mauro Almeida e Manuela Carneiro da Cunha são antropólogos respeitados pelos seus pares, excelentes pesquisadores, teóricos brilhantes, professores dedicados que vêm formando e influenciando gerações. São também antropólogos respeitados pelas comunidades nas quais pesquisam. viabilizaram a criação da primeira reserva extrativista do país, a do Alto Juruá, em 1990. Apoiaram a organização econômica e política das comunidades. E abriram espaços de reconhecimento nacional e internacional para lideranças como Chico Mendes e Chico Ginú.

Juntos, criaram e implementaram o projeto da Enciclopédia da Floresta – o mais completo compêndio de sabedoria indígena e seringueira sobre a biodiversidade do Alto Juruá e da Amazônia.

A metodologia da Enciclopédia inspirou a Universidade da Floresta e a idéia – perseguida com afinco por ambos – de



**MARY** Allegretti, Mauro Almeida e Elenira Mendes, filha do saudoso Chico Mendes

assegurar às populações indígenas e ribeirinhas o direito de serem reconhecidos como produtores de conhecimento.

Mauro sempre conciliou as obrigações acadêmicas com as demandas políticas do movimen-

to dos seringueiros, indo e vindo do Juruá para São Paulo em constantes esforços de conciliar as demandas acadêmica e política.

Manuela sempre atuou em momentos e contextos especiais – como na questão in-



**SIVALDO** Kaxinawá, Txai Terri e Mauro Almeida na cerimônia de premiação

dígena na Constituinte ou na aplicação da Convenção sobre Diversidade Biológica – para dar legitimidade acadêmica a demandas políticas das comunidades indígenas.

É por essas razões que se

pode encontrá-los em Chicago ou em Cruzeiro do Sul com a mesma tranquilidade e sabedoria que tanto estimula aqueles que, como eu, tem tido o prazer de partilhar de suas idéias, momentos e experiências.

# A Enciclopédia da Floresta e a Florestania

MAURO BARBOSA DE ALMEIDA

## 1. RESERVA EXTRATIVISTA

Quero agradecer, em nome de Manuela Carneiro da Cunha, que não pôde comparecer por motivos alheios e em meu nome, a Fundação Elias Mansour e ao governo do Estado do Acre pela honrosa premiação, que nos coloca em companhia honrosa da querida ministra Marina Silva, nossa amiga comum, bem como de Mary Allegretti, de Joaquim Tashkã Yawanawá e outros nomes ilustres.

Em primeiro lugar, quero expressar minha honra em ser associado com esse prêmio à figura de Chico Mendes. A ele foi dedicada a *Enciclopédia da Floresta*. Embora não tenha participado diretamente da luta dos seringueiros pela Reserva Extrativista do Alto Juruá, foi quem não apenas promoveu e aprofundou a idéia das Reservas Extrativistas, como teve a iniciativa de convidar Antônio Luiz Batista de Macedo, em janeiro de 1988, para representar o Conselho Nacional dos Seringueiros no Alto Juruá, iniciativa a partir da qual Macedo concebeu o projeto da Reserva e liderou a luta regional para criá-la, vencendo resistência em companhia de Chico Ginú, de seu Milton Gomes e de outros seringueiros organizados nas delegacias sindicais do Alto Tejo e do Rio Bagé.

E fazer essa homenagem significa lembrar a urgente necessidade de ações políticas que devolvam às Reservas Extrativistas seu espírito original, evitando por um lado “a perda de substância cultural nas comunidades da floresta”, e por outro lado a anomia que faz com que “em áreas conquistadas pela luta dos seringueiros, hoje todo mundo manda, e só quem não apita é o seringueiro”, conforme bem disse Antônio Alves em 2003 sobre o Alto Juruá, em palavras que são hoje ainda mais verdadeiras que então.

## 2. FLORESTANIA

Mas o prêmio atribuído a Manuela Carneiro da Cunha e a mim significa principalmente o reconhecimento de que o livro que ela e eu organizamos contribuiu para “consolidar o conceito de florestania”. Ficamos muito honrados com isso. Pois, de fato, esse conceito, que foi criado por Antônio Alves, o Toim, contém em síntese o programa da Enciclopédia e vai além. É o que gostaria de explicar melhor como é que o entendo e como tenho utilizado em palestras e artigos.

Em 1994, Toim Alves se mostrava insatisfeito com o caráter restrito da idéia de “cidadania”. Em 1997, afirmou em um seminário do Centro de Trabalhadores Amazônico (CTA): “Nosso padrão é a floresta”. E em 1998, afirmou que “O Acre não é um estado, é um problema

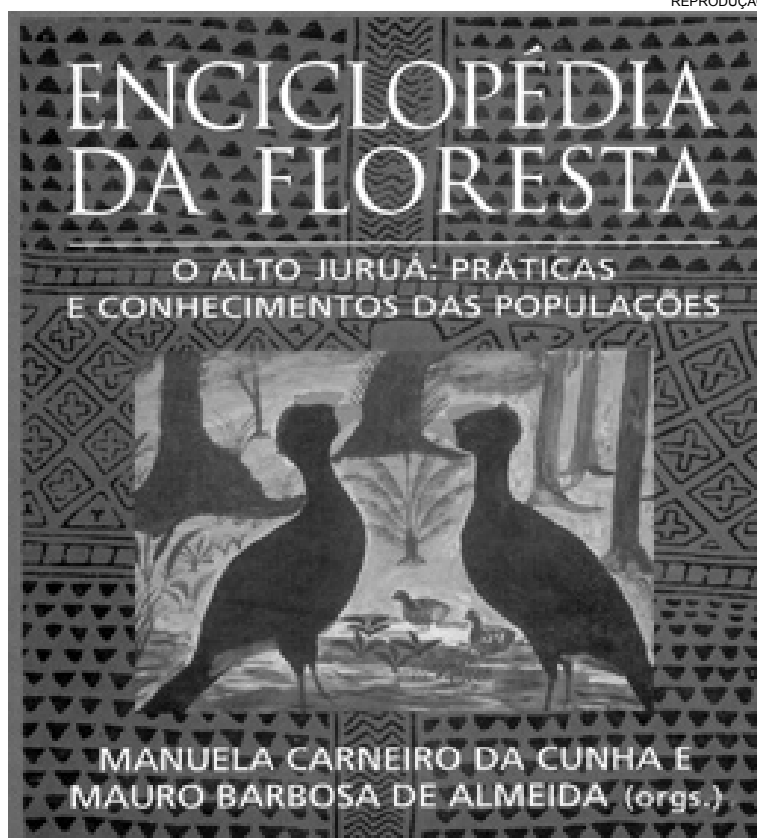
ontológico”, perguntando-se: “Pode o provincianismo ser filosofia?” (Artigos em Geral, páginas 51, 94 e 117).

A resposta é que sim, pode. É um resultado dessa filosofia, ancorada na complexa história do Acre, foi justamente a idéia de Florestania. Para entender melhor esse conceito é útil ter em mente que, se não estou enganado, Antônio Alves distinguiu três níveis no mundo, se é que eu posso me atrever a simplificar assim o seu pensamento. Um é o plano do corpo, da materialidade, da economia, da produção. Outro é o da mente, dos conceitos, dos projetos. Mas um terceiro plano, o do “espírito da coisa” ou, se quiserem, do “imaginário” ou ainda do “sentimento”, que é aquele em que se localiza a idéia de Florestania.

Pois a Florestania não está no plano da floresta como matéria-prima, nem apenas na floresta como repositório de informação genética, mas se situa no plano daquilo que o filósofo alemão Immanuel Kant designou como as idéias transcendentais, por meio das quais a razão humana é capaz de ir além da experiência e dos conceitos, para navegar rio acima, transpor cachoeiras rumo a terras desconhecidas. É essa razão humana, criativa e revolucionária, que constrói varadouros para as utopias e as revoluções, apontando para idéias que, mesmo que não correspondam a algo que não estejamos vendo hoje, atuam como um foco imaginário que inspira e que regula nossas ações.

A Florestania é uma idéia transcendental e revolucionária. Ela significa que no planeta são sujeitos de fato e de direito “os povos que nele habitam, as gerações que ainda virão habitá-lo, os animais, as árvores, a luz, a água e até as pedras” (Artigos em Geral, p. 130). E quem duvidar que pedras possam ser sujeitos, leia as primeiras páginas da Enciclopédia, ou pense no pensamento dos povos andinos a respeito do caráter ativo e sagrado de montanhas.

Para a Florestania, esses entes, humanos e não-humanos, são fins em si mesmo, e não apenas coisas-recursos que estão lá para nosso desfrute, como os colonizadores no passado, o “nós” da época, afirmavam em



relação aos índios e aos negros, que eram então tratados como recursos. Ora, a conclusão dessa idéia de que pessoas, plantas, animais, pedras são sujeitos de direito, é que “A florestania lembra que devemos ampliar nossa noção de democracia”. Como? Diz ele:

“É necessário incluir os votos dos que ainda não nasceram. E é necessário prestar atenção aos que não sabem falar nas assembleias para que seu silêncio não seja confundido com concordância”.

E lembra que há muitas maneiras pelas quais entes não-humanos podem falar:

“E o que dizer da participação não-humana nas decisões? É possível que a política agrícola, por exemplo, seja contestada pelo tempo – que resolveu não chover. Ou pelo atraso na floração das árvores, por uma migração inesperada de pássaros, por uma praga de lagartas. Ou porque muita gente ficou panema e faltou comida na hora do mutirão” (Antônio Alves, Artigo em Geral, p. 133).

Os não-humanos participam de decisões pelo protesto. Recentemente, um aluno de minha colega Nádia Farage descreveu, do ponto de vista indígena, uma ação coletiva dos peixes no Alto Rio Negro que organizaram sua piracema de modo a transformá-la em boicote da pesca abusiva.

Mas há outra forma ainda de instituir essa democracia florestal, na forma do “Parlamento das Coisas” de que nos fala o francês Bruno Latour. Os ecossistemas, os pássaros, as águas, o Caipora causador da panema, podem ser representado no parlamento, assim como “aqueles que ainda não nasceram” e “aqueles que não podem falar”.

## 3. ENCICLOPÉDIA DA FLORESTA

E aqui se situa como modestia contribuição a Enciclopédia, que deveria ser isso: um parlamento para cientistas e para moradores humanos e não-humanos.

Uma das idéias da Enciclopédia da Floresta é mostrar que a biodiversidade do Alto Juruá é ao mesmo tempo diversidade de animais, de plantas e de ecossistemas, e diversidade de

vidas e de idéias. Com isso, defendíamos o princípio de que era possível sim combinar conservação e diversificação da natureza com vitalidade da vida humana.

A outra idéia era mostrar, com o exemplo dos capítulos e ilustrações com múltiplas autorias, de diversos povos indígenas, de seringueiros de origens variadas e de cientistas de distintas especialidades, que o “saber técnico-científico e o saber intuitivo-empírico” podiam colaborar e aprender um com outro, mantendo cada qual seus princípios e seus métodos, e sem se dissolverem num mujangué geral.

Finalmente, queríamos mostrar que os seringueiros são um povo de cultura, e não apenas proletários sem “cultura, sem religião, sem governo”, como se dizia antigamente dos próprios índios, e assim legitimar no plano cultural suas reivindicações a moradores da floresta.

O que é e onde está a Enciclopédia da Floresta? Como dissemos Manuela e eu na Introdução, a verdadeira Enciclopédia são os moradores da floresta. São os humanos e suas práticas, com seus conhecimentos tradicionais, e são as plantas e animais, com o patrimônio genético a eles associados. Desse primeiro ponto de vista, a floresta com seus moradores, humanos e não-humanos, constitui para nós um depósito de “informação”. Por isso, não é à toa, que a floresta é comparada a uma Enciclopédia, isto é, a um repositório de informação.

Mas não basta comparar a floresta a uma enciclopédia tradicional. Pois se assim fosse, bastaria registrar os conhecimentos tradicionais dos seus moradores e colecionar os genes e moléculas

lá contidos, depositando tudo isso para sempre em páginas de papel. E não precisaríamos mais da floresta em pé.

Precisamos ir mais longe, usando como inspiração a idéia de florestania. Os moradores e entes da floresta não são nem mera matéria-prima para alimentar nossas necessidades materiais, nem mero depósito de informação que nos poderá ser útil para fármacos. A floresta que temos em mente é mais do que isso, porque na floresta de pé a informação circula constantemente e os entes se reproduzem: ela tem, além de corpo e mente, um ou vários espíritos. É assim que ela tem vida, e gera constantemente novas informações e novos entes.

Se é uma Enciclopédia, deve ser como uma Wikipedia que está em constante fluxo, ou como uma Universidade Aberta. Nela, vizinhos trocam com respeito o corpo de animais, com assentimento dos Caboclinhos e Caiporas, as agricultoras trocam manivas, alimentando a diversificação vegetal por meio de fluxos gênicos. A tradição é o método humano para transmitir e inovar; a evolução é o método da natureza. Essa síntese de conhecimento continuamente operada por humano e não humano é o espírito da floresta.

Nós registramos essa síntese em livros. E comparamos a Floresta e seus moradores a uma Enciclopédia, e a uma Biblioteca composta por muitos livros. Mas agora vemos que, para fazer justiça a natureza viva da floresta, uma verdadeira “Enciclopédia da Floresta” deve estar continuamente em recriação. Deve ser uma série contínua de publicações de obras de moradores da floresta, ao lado de obras de cientistas que atuem como tutores de bichos, plantas, pedras e águas, de relatos trazidos por espíritos pelos pajés – alimentando assim tanto a continuidade quanto a inovação. Assim podemos, conforme o ponto de vista, dizer ou que a Floresta é uma Biblioteca de tradições e de informação genética que se renova continuamente, ou que nossas bibliotecas devem ser como uma Floresta em que cada um de nós participa sem jamais dominarmos todos os seus segredos, acrescentando a elas novas contribuições.

Assim, concluo com a esperança de que a Enciclopédia da Floresta tenha sido um estímulo para a emergência continuada de vozes e de pontos de vistas dos moradores do planeta, contribuindo assim para essa democracia ampliada de povos, pedras, plantas e bichos de que fala a idéia de Florestania.